

AUTORIA E AUTORALIDADE: O MOVIMENTO PARATÓPICO DE UM PSEUDÔNIMO

AUTORÍA Y AUTORALIDAD: El MOVIMIENTO PARATÓPICO DE UN PSEUDÓNIMO

Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira¹

Jarbas Vargas Nascimento²

RESUMO: Este trabalho objetiva tratar da questão da utilização do pseudônimo como forma de valorização do dizer e favorecimento de questões ideológicas de forma paratópica com o intuito de demonstrar como a autoria pode ser sustentada paratopicamente com a utilização de um pseudônimo, embasando-se, principalmente, na Análise do Discurso (AD) de Linha Francesa na obra de Maingueneau (2008-2010), aplicando-a na obra de José do Nascimento de Moraes [1], quando da utilização de seu pseudônimo Valério Santiago na obra *Puxos e Repuxos* (1910) como ponto de partida para reflexões futuras sobre autoria e AD com relação a pseudônimos. Trata-se do primeiro movimento de comunicação para a comunidade acadêmica de parte da pesquisa de doutorado desenvolvida sob o título “A paratopia testemunho-documental e o discurso da negritude em *Vencidos de Degenerados*”, na qual essa temática surge rapidamente no estudo da obra completa do autor como possibilidade para trabalhos futuros. Nesta análise em particular, demonstra-se que há estratégias de deslizamento, ancoragem e apagamento do autor na construção da imagem de autor dada a Valério Santiago.

Palavras-chave: Autoria; pseudônimo; discurso; paratopia.

RESUMEN: Esta investigación tiene como objetivo abordar el uso del pseudónimo como una forma de valorarlo al dicho y favorecer a las cuestiones ideológicas de una manera paratópica para demostrar cómo la autoría puede sostenerse paratópicamente con el uso de un pseudónimo, basada principalmente en Analisis del Discurso(AD) en el trabajo de Maingueneau (2008-2010), aplicándolo al trabajo de José do Nascimento de Moraes [1], cuando se utilizó de su pseudónimo Valério Santiago en las escrituras *Puxos e Repuxos* (1910) como punto de partida para futuras reflexiones sobre la autoría y la AD con respecto a pseudónimos. Éste es el primer movimiento de comunicación para la comunidad académica de parte de la investigación doctoral desarrollada bajo el título "La paratopia testigo-documental y el discurso de la negritud en *Vencidos e Degenerados*", donde este tema aparece rápidamente en el estudio del trabajo completo. del autor como posibilidad para futuros trabajos. En este análisis particular, se muestra que existen estrategias para deslizar, anclar y borrar al auctor en la construcción de la imagen del autor dada a Valério Santiago.

Palabras claves: Autoria; pseudónimo; discurso; paratopía.

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, MBA em Gestão e Inovação em EaD pela Universidade de São Paulo-USP. Professora efetiva de Leitura e Produção de Textos da Universidade Federal de Goiânia-UFG e Professora convidada para o ensino de Metodologia Científica no curso de Pós-graduação em Psicomotricidade do ISPEGAE/SP.

² Pós-doutor na área de Letras, pela UNESP- Campus Assis. Doutor em Letras (Semiótica e Linguística Geral) pela USP. Professor titular do Departamento de Ciências da Linguagem e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

1 Ponto de partida: a morte do autor

O poder criativo da linguagem está em pauta desde que o Homem existe. Flagrar um discurso representativo, tomar a palavra ou nomear a palavra de alguém são atitudes que fazem parte do cotidiano de todas as sociedades em qualquer época. Entretanto, se os séculos XIX e XX foram pautados pela outorga de posse da palavra e propriedade intelectual, o século XXI, talvez, seja marcado pela desintegração ou reconfiguração da posse autoral.

Em entrevista ao jornal *The Guardian*, reproduzida e traduzida pela Folha de S. Paulo em 22 de julho de 2011, o cineasta Jean Luc-Godard diz “O autor está morto” e complementa a fala dizendo:

“Não sou um autor, bem, pelo menos, não agora”, ele responde tão casualmente como se deixar de ser autor fosse como deixar de fumar. “Houve uma época em que pensávamos que fôssemos autores, mas não éramos. Realmente não fazíamos ideia. O cinema acabou. É triste que ninguém esteja explorando o cinema realmente. Mas, fazer o quê? De qualquer maneira, com os celulares e tudo o mais, hoje todo o mundo é autor”.³

Não por acaso, o título da notícia é “O autor está morto, diz Jean-Luc Godard”, a frase de impacto, obviamente, funciona quase como um *slogan* do discurso de Godard e consegue a adesão, inclusive, de quem não conhece sua obra para a leitura do discurso de alguém que assume a ausência de autoria. Provavelmente, para alguns, ler ou ouvir esta frase seja tão agressivo quanto ler “Deus está morto”, lembrando Nietzsche (1979)

A interdiscursividade presente na frase de Godard, não ocorre aleatoriamente, ambas as assertivas referem-se ao “poder de criação” que associado à formação discursiva de sua época refere-se à crise existencial humana. Nietzsche (1979) nega a existência de um poder criador que seja capaz de conduzir as ações humanas, os valores e a moral na sociedade, ao imprimir seu pensamento relativista em que toda realidade ou fenômenos seriam passíveis de dúvida, quiçá, reinventa a autoria, em que o homem seria o criador de si e da divindade, bem como, de tudo o que o controla, talvez, seja já um prenúncio de que o homem, de posse de seu dom criador, negaria a própria criação e negaria o próprio ato de criar, assim, do mesmo modo que Godard nega ser criador nessa época pautada na (re)criação do discurso alheio, na (re)produção, na (re)invenção de autoria ou, na não-autoria marcada pelas ferramentas da internet como o *Youtube*, citado pelo cineasta na mesma entrevista. Para Barthes (2004) o autor morre e perde sua autoridade sagrada no exato momento em que dá voz ao texto, já não é mais o autor, o sujeito físico perde sua identidade, o discurso transforma-se apreendendo múltiplas vozes, inserindo-se em diferentes realidades.

Todavia, arriscamos dizer que essa crise sempre existiu, não a partir de Nietzsche, mas a partir do contexto de inserção do “autor” e de sua necessidade, ou não, de legitimação, de autoria ou de propriedade. A autoria está intimamente relacionada à ideia de legitimação do sujeito do discurso por meio de *um dizer* que signifique ou que tenha poder de significação

³ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/946713-o-autor-esta-morto-diz-jean-luc-godard.shtml>. Acesso em: 13 set. 2013.

social.

Aparentemente, não é isso que ocorre com os pseudônimos, na medida em que o sujeito não tem essa necessidade, seja por uma questão ideológica ou estilística, o sujeito lança mão do artifício de sublimação ou simulacro da sua autoria, a ideia está em legitimar *o dizer e o sentido do que foi dito* e não o autor.

Partindo dessa ideia central, este artigo objetiva tratar da questão da utilização do pseudônimo como forma de valorização do dizer e favorecimento de questões ideológicas de forma paratópica com o intuito de demonstrar, com base Análise do Discurso (AD) de Linha Francesa, principalmente na obra de Maingueneau (2008-2010), como essa questão se apresenta na obra de José do Nascimento de Moraes⁴, quando da utilização de seu pseudônimo Valério Santiago na obra *Puxos e Repuxos* (1910), trata-se de um ponto de partida para reflexões futuras sobre autoria e AD com relação a pseudônimos.

1.1 *Autoria: da morte ao deslocamento*

A questão da autoralidade está presente no âmbito das discussões dos estudos atuais da linguagem e da teoria literária sob diferentes perspectivas, considerar o sujeito criador e suas nuances é sempre delicado. A AD reputa as condições de produção imanentes ao discurso e os sujeitos envolvidos nas redes comunicativas e nos diferentes campos semânticos ativados por um determinado discurso. Para Foucault (1992) a existência do autor relaciona-se intimamente à existência primeira de um discurso, ressaltando que o princípio do discurso não se encontra em características individuais, mas se constitui, a partir dos diferentes lugares de que ele procede, ou ainda, dos lugares discursivos de onde o “sujeito” profere como marca ou representação das diferentes formações discursivas, de sorte que, ninguém é dono de seu dizer, porque o discurso está marcado socio-historicamente.

Maingueneau (2010) destaca que a questão da autoralidade deveria ser tratada como uma das principais no contexto da Análise do Discurso, uma vez que o autor é uma categoria que está entre o tempo e o espaço de produção discursiva, sendo uma

categoria híbrida, que implica ao mesmo tempo o texto e o mundo do qual esse texto participa, o autor é uma instância que enuncia (atribui-se-lhe um *ethos* e a responsabilidade de alguns gêneros de textos, em particular os prefácios), mas também certo estatuto social, historicamente variável. (MAINGUENEAU, 2010:26)

Estatuto social que varia historicamente graças ao maior ou menor prestígio que a Obra

⁴ Escritor maranhense José do Nascimento Moraes (1882-1958) autodidata foi professor, jornalista, poeta, crítico literário e romancista. Principais trabalhos publicados são o conjunto de ensaios críticos intitulados *Puxos e repuxos* (1910), o romance *Vencidos e degenerados* (1915), corpus de nossa tese de doutorado, e o ensaio político *Neurose do medo* (1923) publicou em diversos jornais utilizando diferentes pseudônimos. Deixou inédito o livro de poesias *Círculos*, sem que seja possível precisar a data de composição, além de uma gama de contos não publicados. Foi fundador da revista literária *Athenas* e, como jornalista, trabalhou para diversos jornais maranhenses como, dentre outros, *A Campanha*, *O Maranhão*, *A Pátria*, *Diário de São Luis*, *O Jornal*, *A Tribuna*, *A Hora*, *Diário do Norte*, *Diário Oficial*, *O Globo*, *Correio da Tarde*, *A Imprensa*, *Notícias*. Formava parte da *Renascença Literária ludovicense*.

de arte tenha em determinado contexto histórico. Na Antiguidade, por exemplo, a obra se sobrepunha ao autor, sendo essa questão de menor importância, a ponto de alguns estudiosos questionarem na atualidade a existência de Homero. Com o capitalismo, o surgimento do mercado editorial leva à valorização da obra de arte, enquanto produto comercial e a possibilidade de uma propriedade autoral adquire outro valor, em que o mostrar-se dono de um dizer passa a ter um valor monetário que, algumas vezes, ultrapassa o estético. Nesse sentido, Benjamin (1985) chama a atenção para o fato de que a contemporaneidade muda as relações impostas pela Arte, antes relacionada à magia e ao prazer, tornando-a, então, mais relacionada à técnica e à política comercial, em que o autor passa a ser produtor e reproduzidor de questões políticas de seu tempo, as quais intervêm em seu olhar. Além disso, essa reprodução maciça somada à modernidade tecnológica transforma o processo de produção artística, trazendo outros tipos de autor para a cena da criação: o fotográfico, o cineasta, o diretor de teatro, o produtor etc.

Maingueneau (2010), por sua vez, analisa que essas transformações levaram a uma cisão entre o produtor textual e a obra, ocasionando um afastamento daquele “modelo” da antiguidade. Nessa alteração de postura, o estudioso identifica as seguintes posturas possíveis em relação à autoria e à obra:

- o *autor-garante* é a dimensão historicamente identificável como produtor de um texto pertencente a qualquer gênero de texto;
- o *autor-ator*, é o profissional do texto, o sujeito que organiza sua função social em torno da produção de textos, da relação com editores;
- o *auctor* é aquele em cuja dimensão o autor é correlato de uma obra, ou seja, um autor não de textos dispersos, mas de uma *Opus*, ou seja, uma obra de prestígio social, cujo prestígio estende-se ao autor.

Maingueneau (2010b: 142) assevera que todo texto é autorizado ou garantido por alguém, o que ele chama de *autor-garante*, entretanto, nem todos os indivíduos assumem o papel de *auctor*, pois, para isso é necessário que terceiros o instituem como tal, mediante a produção de enunciados sobre ele e sobre sua obra, em suma, conferindo-lhe uma “imagem de autor”.

1.2 Pseudônimo: a morte discursiva do autor

Entendemos que a criação de um pseudônimo participa da criação discursiva e desintegra discursivamente o autor para transformá-lo em algo ou alguém ideal, cujo discurso idealizado participa de determinados propósitos conjunturais, normalmente, envolvendo questões políticas, segregações, proibições, ou seja, o pseudônimo, muitas vezes, é uma entidade marginal criada para dar voz a um sujeito que não quer se identificar e com ele se camufla para dar voz a uma retaliação, por exemplo, ou aos excluídos.

Se por um lado, o pseudônimo concretiza a morte discursiva do autor, por outro, sua criação carregada de sentidos outros pode estar ancorada na figura de um autor, que no contexto de produção, se erige paratopicamente na formação discursiva a qual pertença o discurso; o pseudônimo não é um pseudo-autor, no sentido pejorativo, mas um autor inteiro que desintegra dada organização vigente e desloca o discurso original, que dá voz a quem não

seria ouvido ou mascara o dizer de um auctor, que por razões diversas, não quer revelar-se no dizer ou quer ser a autoridade a assumir este discurso, assim, o pseudônimo pode servir de simulacro para um *pseudo-auctor*, *pseudo-garante* ou um *pseudo-auctor*. De qualquer forma, quando descoberta sua identidade, ocupa o lugar duplo de “pseudo” e de “garante”-autor. Evocando Barthes (2004) essa multiplicidade de “eus” seria como a revelação teológica do Autor-Deus, que cria um “ser” a “sua imagem”, ou seja, o pseudônimo seria, a nosso ver, o reverso de um autor, cuja complexidade está duplicada na situação de quem cria um ser que o representa.

De sorte que o pseudônimo seria, assim, uma espécie de autor, que pode ser criado por *um autor-garante*, *um autor-ator* ou *um autor-auctor*, ou seja, expressa ideias que se deslocam do discurso original do sujeito criador sem deixar de se ancorar nele, pois, quando é levado a público que determinado pseudônimo pertence ao autor x ou y, a relevância do pseudônimo pode variar, de acordo com o prestígio social deste autor, seu discurso autoriza o dizer do pseudônimo caracterizando-o de certo modo. Assim, sendo descoberto, ou não o autor por trás do pseudônimo, há uma paratopia autoral a ser considerada, principalmente, quando o reconhecimento da autorialidade intervém na aceitação ou contemplação da obra. Maingueneau (2010a:160) lembra ainda que não há paratopia que não seja associada a uma atividade de criação enunciativa, porque

No caso do discurso literário, por exemplo, a paratopia caracteriza, assim, ao mesmo tempo, a “condição” da literatura como cena englobante e a condição de todo criador. Que só se torna criador assumindo de modo singular a paratopia constitutiva do discurso literário.

Assim, de certo modo, ao utilizar um pseudônimo, essa paratopia se duplica na autorialidade de um autor presente-ausente, que por si só já é paratópica, e na “presença” paratópica desse autor, enquanto sujeito criador de um pseudônimo ancorado nas razões que levaram a essa criação.

2 O corpus: Valério Santiago puxos e repuxos de um pseudônimo

Figura I – Excerto do Jornal Correio da Tarde do Maranhão



Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/hotpage/hotpageBN.aspx?bib=388459&pagfis=785&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 10 jan. 2013.

Nosso *corpus* foi extraído dentre os textos de “Puxos e Repuxos”, coluna publicada no jornal “Correio da Tarde” de São Luís do Maranhão, foco dessa análise, foram escritos em 1910 por José Nascimento de Moraes⁶ sob o pseudônimo *Valério Santiago* em repúdio à publicação feita por Antônio Lobo⁶, sob o pseudônimo “o poeta D. Galiza II”, nos jornais “A Pacotilha” e o “Diário”, há várias questões que envolvem a criação desses pseudônimos, mas, fato é que era de conhecimento de seus parceiros, intelectuais e acadêmicos que estes pseudônimos pertenciam a eles.

A formação discursiva que instaura esta polêmica é aquela onde se encontra o discurso republicano, sendo Lobo representante do discurso da elite burguesa, arraigado pelo discurso racista e Nascimento, aqui, defensor e representante do discurso abolicionista, reforçado pelo discurso anti-monarquista e fortemente republicano.

O posicionamento desses dois escritores reflete o de gerações de literatos e de intelectuais, bem como, denota a efervescência política e intelectual da ilha de São Luís do final do século XIX, início do século XX.

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, sobretudo, com a Companhia do Comércio e os jesuítas, o Maranhão é foco de evangelização e registro de diferentes gêneros, os quais refletiam a realidade política da ocasião, embora não haja desenvolvimento literário efetivo. Todavia, ao acolher Pe. Antônio Vieira a ilha não somente tem contato com boa literatura com a qual evangelizava, mas também contato com as produções de Vieira, que tendiam a ser mais simples devido ao público-alvo, mas não de qualidade menor, seus sermões. Durans (2009:16) citando Moraes (1977) afirma que:

a forma como Vieira pregava nos púlpitos de São Luís diferia completamente do jeito como ele o fazia na Europa: lá, o pregador se preocupava em impressionar os ouvintes com seus jogos barrocos cultistas e conceptistas, enquanto aqui ele sabia se fazer entender com mais clareza e simplicidade por aqueles que o ouviam.

Somente após a independência do Brasil, o Maranhão observa o surgimento de produções literárias relevantes, de sorte que a produção literária nasce arraigada de conotações

⁶ Antônio Lobo é o nome literário de Antônio Francisco Leal Lobo que nasceu em São Luís, capital do Estado do Maranhão, a 4 de julho de 1870. Professor, jornalista e escritor, tendo-se destacado, nesta última profissão, como ensaísta, poeta, romancista e tradutor. Como funcionário público, exerceu os cargos de Oficial de Gabinete do Governo do Estado, da Biblioteca Pública Benedito Leite, do Liceu Maranhense e da Instrução Pública. Juntamente com Fran Paxeco, Ribeiro do Amaral, Barbosa de Godois, Corrêa de Araújo, Astolfo Marques, Godofredo Viana, Clodoaldo de Freitas, Inácio Xavier de Carvalho, Domingos Barbosa, Alfredo de Assis e Armando Vieira da Silva, fundou, na noite de 10 de agosto de 1908, a Academia Maranhense de Letras, uma extensão da Oficina dos Novos. Congregou e aglutinou, em torno da projeção intelectual de seu nome, os escritores de expressão da época. Em virtude de perseguições políticas, moralmente traumatizado, no último ano de sua existência, recolheu-se a sua residência e, na madrugada de 24 de junho de 1916, enforcou-se com uma corrente. Principais obras: *Carteira de um Neurastênico*, romance publicado, inicialmente sob a forma de folhetim, na Revista do Norte, em São Luís, sob o pseudônimo de Jayme Avelar, em 1903; *Pela Rama*, crônicas, São Luís, 1912; *Os Novos Atenienses*, ensaio, São Luís, 1909. Traduziu as seguintes obras: *Debalde*, romance da autoria de Stenkiwicz, cuja publicação inicial foi sob a forma de folhetim na Revista do Norte, São Luís, 1901; em parceria com Fran Paxeco, *O Juiz sem juízo*, comédia da autoria de Bisson; *Henriqueta*, da autoria de François Coppée. In: <http://www.guesaerrante.com.br/2005/11/30/Pagina395.htm>

políticas, antes mesmo que a região se posicionasse com relação à República, pois só aderiu ao processo republicano um ano depois.

Com base nisso, é consenso, na historiografia maranhense, dividir-se a vida literária maranhense em ciclos ou gerações, que diferem um pouco dos períodos literários propostos para a Literatura Brasileira em geral, indicando especificidades quanto à sua composição e ao seu surgimento. Muitos autores que se lançam no delineamento das bases para a história da literatura maranhense, como Reis Carvalho, Antônio Lobo, Mário Meireles e Jomar Moraes, entre outros, adotam um mesmo tipo de divisão, demarcando, entre o século XIX e o início do século XX, a existência de três ciclos literários: o primeiro corresponde ao período de 1832 até 1868; o segundo, de 1868 até 1894; e o terceiro de 1894 até 1932. (DURANS, 2009:17)

O primeiro grupo de escritores, chamado pela crítica de *Grupo maranhense* formado por nomes como Gonçalves Dias, Sousândrade, Sotero dos Reis, Celso Magalhães e César Marques é o responsável pela alcunha de Atena Brasileira que é dada ao Maranhão. O segundo grupo seria o emigratório, ocorre próximo ao realismo/naturalismo convencional brasileiro e é formado por autores que saem do Maranhão em busca de maior reconhecimento e prestígio literário e social, é o caso de Aluísio Azevedo e Raimundo Correia. O terceiro grupo seria dos Novos Atenienses que surgem como reação à emigração de intelectuais e à morte dos escritores dos tempos áureos como Gonçalves Dias, iniciado por: Reis Carvalho; Inácio Xavier de Carvalho; Euclides Marinho; **Antônio Lobo**; **Nascimento Moraes**; Domingos Barbosa. (DURANS, 2009: 1-24)

Percebemos, assim, que inicialmente Lobo e Moraes partilhavam de objetivos em comum para o reaquecimento do universo literário ludovicense, tanto que a Academia Maranhense de Letras foi fundada por um grupo de intelectuais do qual ambos faziam parte “A Oficina dos Novos”. Todavia, com o decorrer do tempo suas produções apresentavam posicionamentos políticos divergentes com relação à estética, à política e a questões étnico-raciais, surge uma espécie de duelo literário arraigado pela rivalidade política.

Nos textos de Lobo é possível encontrar expressões como: (..) ó, **besta**, convém explicar às formigas que te giram em torno da **sórdida carcassa**, que v. ó **negro vil**, além de **burro** e **petulante**, é **pérfido** e **caluniador**. (In verbi) Presentes no texto *Intervenção Pacífica* publicado no jornal Pacotilha em 10 de agosto de 1910.

Obviamente, a contenda instituída entre os dois não é nada “pacífica” e o *corpus* aqui analisado é o resultado desse enfrentamento, pois o grupo dividiu-se, ficando Lobo na Oficina dos Novos e Nascimento e muitos outros no grupo da Renascença Literária, o discurso criado pelos pseudônimos criados por esses autores está no intervalo dessa cisão e a autoria de ambos ancora paratopicamente o discurso daquilo que chamamos *pseudo-autores*, nesse caso específico, Valério Santiago e D. Galiza.

3 Pseudo-autor: descolamento, ancoragem e desintegração

José Nascimento de Moraes, enquanto criador, se enquadra nas três dimensões possíveis

de análise de autoralidade, propostas por Maingueneau (2010). É **autor-garante** porque assume a responsabilidade por sua produção intelectual, é **autor-ator** porque vive de seu ofício, publicando em diversos jornais da época e é **autor-auctor** porque tem prestígio na sociedade maranhense, sua obra *Vencidos e Degenerados* é relevante, ou seja, tinha autoridade e prestígio para usar seu próprio nome como autor do texto, todavia, em nossa análise da situação de produção, consideramos que criar um pseudônimo para ambos é uma estratégia que segue o que consideramos como *ancoragem, deslizamento e desintegração*.

Trata-se de uma **ancoragem de processo autoral** aos moldes de produção dos “atenienses” que, por sua vez, se espelharam na Arcádia Lusitana, essa ancoragem ocorre porque era usual seguir um modelo estético e, nesse modelo, fazia parte criar um autor, que mascarasse a autoria por diferentes razões, essa postura ratifica a autodenominação de Neo-Atenienses, valida o discurso e gera a adesão de mais intelectuais para o grupo.

Chamamos de **deslizamento discursivo-autoral** a existência de Valério Santiago e sua crítica, ao atribuir-lhe voz de defesa, o autor defende os direitos raciais do povo negro, a abolição e a liberdade de criação, mas coloca em outro plano este dizer, já não é o negro, pobre, autodidata ofendido, este sai de cena para dar voz a um elemento com uma suposta “neutralidade” naquele universo, um “pseudo-autor”. De certo modo, um autor (Nascimento) transfere ao pseudônimo (Valério) um dizer que parte da sua ideologia e desliza para outro lugar, para um âmbito discursivo, em que este dito não é de sua propriedade, assume a voz de uma coletividade como afirmação social do *dizer* e do *criador*. Tomando emprestada a definição greimasiana, Nascimento de Moraes preserva a face, ao fazer esse deslize de voz que modifica e institui o tom da crítica, o autor mantém e legitima o discurso do “pseudo-autor” paratopicamente.

Nomeadamente há **um apagamento do autor**, se pensarmos que nem toda a população letrada participava de grupos políticos ou intelectuais, perceberemos que para muitos leitores Nascimento de Moraes não existia e seguramente para esses leitores, seguindo a memória discursiva da época, Valério Santiago era o autor daquele discurso, provavelmente, para essa população letrada e para essa sociedade em construção a imagem de autor que firmava seria de um aristocrata branco, jamais um negro autodidata, nessa perspectiva, retomamos a morte autoral e chamamos de desintegração-discursivo-autoral, pois o autor, já reconhecido socialmente, desintegra sua imagem e seu discurso para transferi-lo ao pseudônimo. Nascimento, paratopicamente, dá voz e autoridade para que Santiago tenha direito à réplica e tréplica contra o discurso do “poeta D. Galiza” e contra todos que o apoiavam.

Assim, o autor (Nascimento) cria o pseudônimo Valério Santiago, doravante *pseudo-autor* que responde ao pseudônimo D. Galiza criado pelo autor (Antônio Lobo) em um contexto de produção em que boa parte dos leitores conhecia as marcas de autoria de cada um deles e as razões geradoras do discurso. Da leitura do texto jornalístico, verificamos que o *pseudo-autor* constrói a cena genérica em forma de diálogo, mais precisamente debate interdiscursivo, trazendo para seu discurso citações de D. Galiza para respondê-las crítica e diretamente. Ao respondê-las, acaba por responder a questões socialmente relevantes para a população republicana da época.

Santiago critica o discurso racista presente no discurso do outro, ora atacando o *pseudo-*

autor (D. Galliza), ora atacando o autor-garante do pseudônimo (Lobo), colocando em xeque sua estética e sua existência social e política. Como *pseudo-autor* (PA), Valério assume a máscara e dá voz à crítica, instituindo o direito a uma espécie de discurso jurídico, onde defende, julga e condena todas as atitudes do oponente D. Galliza, estabelecendo conexões semânticas entre seu dizer, o que foi dito pelo outro e o discurso republicano que apoia a abolição, numa trama que segue o seguinte percurso:

a. identificação da voz

[Parece-nos que os nossos **“bons amigos”** se animaram a atacar-nos./ Como a **coragem de que podem dispor é pequenina**, pegaram do **impagabilíssimo Galliza**, que **elles** tiveram a rara habilidade de endoidecer, e lepidamente o atiraram contra **nós**, pelas ineditoriales da “Pacotilha”] (MORAES, 1910: S/N)⁷

Esse recorte foi retirado do primeiro parágrafo de *Puxos e Repuxos*. Na apresentação percebemos claramente a ironia presente em “bons amigos”, “coragem pequenina” e “impagabilíssimo”, delas depreendemos que enunciadores e co-enunciadores já se conhecem, a ironia estabelece o tom do discurso que já de início, identifica a voz do outro “impagabilíssimo Galliza”.

Discursivamente é possível verificar que possivelmente não são amigos, inclusive pelo uso de aspas em “bons amigos”, assinalando de que essa amizade pode não ser tão verdadeira, que os considera covardes e insinua que Galliza está sendo usado por outrem, pois “pegaram do *impagabilíssimo Galliza*”. Ao utilizar a primeira pessoa do plural em “nossos/ nós” e a terceira do plural “elles” demarca as fronteiras entre um nós/eles, representados aqui no grupo liderado por Lobo x o grupo liderado por Nascimento, mas também do autor-garante e seu pseudo-autor que ataca seus adversários autor, pseudônimo e grupo social, defendendo-se com as mesmas armas, embora não estejam expressos claramente, denota-se que enunciadores eram conhecidos.

b. crítica de PA para PA e de PA para autor

[Não era preciso que **Lobo** citasse Vieira e Herculano **para justificar uma asneira que brada aos céus**./ Lobo que os deixe em paz, na grandeza da sua correção. /Achamos que **o velhote** perdeu a optima oportunidade de ficar calado./ Gramática não é discurso bombástico que se faz com gomma arábica. /Gramática não se inventa **nem se sofisma com facilidade**] (MORAES, 1910: S/N)

Nesse recorte, o tom irônico segue constante como estruturador da crítica, no entanto, Valério (PA) ataca aquilo que aparentemente legitima o dizer de D.Galliza, a obra de Antônio Lobo, ao citá-lo, desmascara (in)diretamente o outro, mas usa a estratégia da inclusão discursiva,

⁷ Analisamos a primeira edição dos artigos publicada pela tipografia dos Artistas em 1910, cópia obtida na Biblioteca da Academia Maranhense de Letras, mantivemos a grafia original, a ausência de pontuação e acentuação, ou seja, todos os excertos foram copiados *ipsis literis*. Do mesmo modo, essa edição não apresenta enumeração de páginas, por isso, a notação S/N.

ou seja, Lobo (autor) faz parte do mesmo grupo de D. Galliza (pseudônimo de Lobo), essa estratégia legítima diretamente seu próprio dizer, incluindo-se no grupo de Nascimento, observamos aqui que criação e criador estão imbricados, o **deslize** e o **apagamento** anteriormente citados não se sustentam, enquanto a **ancoragem** se impõe.

O PA critica a construção da linguagem do texto apresentado pelo adversário no outro jornal e a qualidade da obra do Lobo, acentuando o tom irônico em “Não era preciso que Lobo citasse Vieira e Herculano” demonstrando que analisa com atenção e minúcia os dizeres de Lobo e Galliza e identificando que o outro evoca grandes autores como discurso de autoridade sem necessidade alguma. Ataca diretamente a Lobo como parte do “Grupo de Galliza”, atacando diretamente sua maneira de escrever. Mais adiante, cita, inclusive, a *Opus* de Lobo, dizendo:

[Com dois **puxos** e alguns **repuxos** nós nos aliviaremos do “Novos Atenienses”./ A **introdução colossal** da obra, é um conjunto de **períodos quase ininteligíveis** que escapam mesmo ao raciocínio. /Todas as vezes que Lobo procura raciocinar sabe se simplesmente mal!]

Novamente o discurso irônico critica o estilo de Lobo diretamente, apagando o pseudônimo e o paralelismo sintático ainda traz no âmago um tom de revanche, quase um alívio de responder às injúrias e às ofensas proferidas por Galliza.

c. discurso racista

A interdiscursividade se mantém e mantém o *dizer* do PA que traz novamente a voz de Galliza/Lobo para o seu enunciado, quando da utilização da expressão “negro vil”, PA responde:

[...typos que se **nomeiam jornalistas** agridem-nos pelas ineditoriales da “Pacotilha”, chamando-nos **negro!/Negro! Eis ahi o insulto**, a palavra com que elles pensam que nos esmagam, que nos reduzem a última expressão! Que não diriam se fossem brancos da ilha ou mesmo caboclo!/ **Negro!/ É o grito de terror, de medo e de ódio, é o grito do vencido, o nullo, do inhabilitado que não pode discutir e nem sabe fazer o que todo mundo sabe – insultar! Negro! Repetem tomados pela cólera, possuídos da mais idiota indignação!**]

A ironia dá o tom discursivo reiteradamente, atribuindo também um tom pejorativo aos sujeitos que não são jornalistas, mas agem como se fossem, porque assim se nomearam, nessa estratégia PA busca deslegitimar a voz do outro, insinuando sua falta de gabarito para o exercício profissional.

Levantando a bandeira do *discurso da negritude*⁸, assumindo-se negro, chama de *idiota*, ridicularizando-o e demonstrando sua indignação diante de uma característica é um fato e não um insulto, parafraseia o que foi escrito sobre os saberes do *homem negro que não sabe pensar*,

⁸ Utilizamos aqui discurso da negritude, referindo-nos ao posicionamento de conscientização política que é intrínseco aos Movimentos Negros, o termo “negritude” é cunhado de Kabengele Munanga na obra “Negritude” publicada em 2009 pela Editora Autêntica.

construindo em seu ataque aquilo que a retórica classifica como argumento *ad hominem*, pois se o negro é “inhabilitado”, essa voz que assume a voz da negritude, esclarece que “não será esmagada”.

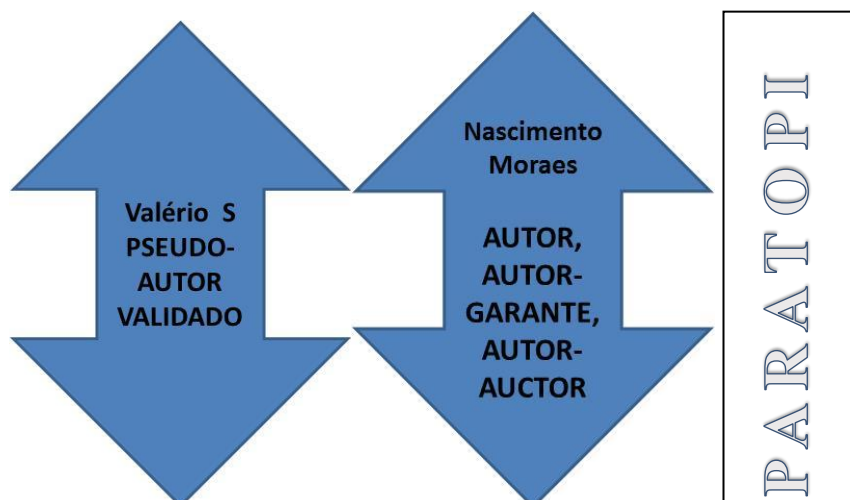
O discurso dá a impressão de que, enquanto Valério defendia-se sozinho no Jornal Correio da Tarde, Lobo/Galliza encomendava aos seus parceiros textos cada vez mais ofensivos contra o “oponente”, assim, cita artigo publicado pelo Professor Luiz Viana do grupo do Galliza “Os macacos”, essa atitude legitima o discurso do *pseudo-autor*, deflagra o racismo e legitima a réplica.

Ainda como estratégia, PA faz a análise gramatical da escrita do outro, corrigindo-o gramaticalmente, citando um trecho do artigo de Viana, o pseudônimo ancora-se no discurso de um terceiro, dizendo:

[“Os homens primitivos a quem a civilização e o orgulho dela nacente não deram ainda ‘para se julgar’ criações divinas”/Perguntamos: Quem julgar/ Será-PARA ELLES SE JULGAR?/Ou-para elles se julgarem?/ Todas as vezes que se pode trocar o infinito numa clausula com o verbo no subjunctivo. e às vezes no indicativo, é infinito pessoal./Ora, para se julgar criações divinas./Aquelle-para que ele se julgar-é asneira que o professor Vianna deve evitar]

Com a autoridade de professor de língua portuguesa, ao analisar aquilo que considera inadequado gramaticalmente, confrontam-se papéis sociais relevantes para a sociedade da época e, ao mesmo tempo, ao se posicionar com relação ao “bom uso da língua” crítica na verdade o racismo presente no discurso. PA critica a animalização do negro contida no discurso do professor Luiz Viana e reproduzida no texto de D. Galliza.

Por fim, analisando as estratégias a, b e c associadas aos processos de descolamento, ancoragem e desintegração na constituição de um pseudo-autor e retomando a definição de paratopia construída por Maingueneau (2010), que está intimamente relacionada ao processo criador, notamos que o pseudônimo é legitimado de forma paratópica nessa situação específica em que uma grande parcela dos leitores reconheciam o autor legitimador do discurso, seguindo o seguinte esquema



4 Considerações Finais

Com esse artigo fizemos um primeiro movimento de compreensão sobre a questão autoral no uso de pseudônimos no âmbito discurso da obra de José Nascimento de Moraes, objeto de nosso estudo de doutorado. Para isso, fizemos um recorte na obra “Puxos e Repuxos” com base de observar o papel autoral do pseudônimo na constituição deste discurso.

Durante a análise, a partir da AD, observamos o discurso republicano abolicionista representado na voz de Valério Santiago, cujo papel de pseudo-autor (PA) constitui-se em desempenhar e desenvolver *a ancoragem, o deslizamento e a desintegração autoral* como forma de reafirmar o discurso original, dando autoridade de defesa e ataque, transformando a cena genérica em diálogo e confronto político, ideológico e “jurídico” no sentido restrito do termo, com poderes de julgamento, defesa e condenação e legitimado paratopicamente pelo autor.

Por fim, é importante ressaltar que essa é uma primeira reflexão sobre autoralidade na utilização de pseudônimos, consideramos que, se há alguma possibilidade de considerar a morte do autor, essa questão não está posta somente pela reprodutibilidade da obra de arte, mas é mais antiga, uma vez que há uma morte discursiva dessa autoralidade no próprio processo de constituição autoral. DE sorte que, se por um lado, o autor se mantém paratopicamente na constituência do discurso literário, por outro, ao fazer uso de um pseudônimo, o autor legitima o discurso desse *pseudo-autor* paratopicamente.

Referências

- BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2000.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica – Arte e Política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- DURANS, P. R. L. *Os novos atenienses e o imaginário de decadência: as representações em Missas negras, de Inácio Xavier de Carvalho*. 2009. 74 fls. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa. Faculdade. Centro de Ciências Humanas. UFMA. 2009.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Tradução de Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Portugal: Passagens, 1992.
- MAINGUENEAU, D. A noção de autor na análise do discurso. Tradução de Helena N. Brandão. In: *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010^a.
- MAINGUENEAU, D. Não há autor sem imagem. Tradução de Adail Sobral. In: *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010^b.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *O discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MORAES, J. N. *Puxos e Repuxos*. São Luís: Typ. Dos Artistas, 1910.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Ed. Vozes,

2008.

Recebido em: 18/09/2019

Aceito em: 03/11/2019